

Artículo en PDF

Como citar este artigo

Número completo

Mais artigos

Home da revista no Redalyc

Red de Revistas Científicas de Ar

A Representação da
Deficiência em Livros

Infantis: séculos XIX e XX

RESUMO – A Representação da Deficiência em Livros Infantis do Século XIX e XX. O presente artigo analisa a representação de personagens com deficiência em livros britânicos e norte-americanos do século XIX ao início do século XXI. São analisados tanto os assim chamados clássicos quanto livros fora de edição ou não tão disponíveis. Uma das conclusões é que a representação de personagens deficientes geralmente é mais variada nos livros mais antigos. Além disso, segundo a visão dos autores do século XIX e início do século XX, é necessário aceitar a deficiência como uma forma de obediência a Deus, mas também porque, na análise, eles são considerados um bem. Portanto, em muitos casos, a deficiência e sua cura, quando ocorre, estão associadas com o caráter positivo. Palavras-chave: Literatura infantil. Personagens com Deficiência. Sofrimento.

ABSTRACT – The Representation of Disability in Children's Literature of the 19th and 20th Centuries. This article examines the treatment of disabled characters in British and North-American children's classic literature that are out-of-print or less available to children from the early 20th century. One of the main findings of this article is that the representation of disabled characters is often more complex and varied than in the former. Moreover, the prevailing view of many 19th and some early 20th century authors was that one should submit to disability, both as a form of obedience to God's will, and because their misfortunes are ultimately intended for one's own good. The analysis shows that, in these books, disability, where it occurs, and its cure are associated with positive character traits. Keywords: Children's Literature. Disabled Characters. School.

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2019.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

Ao longo do século XIX e início do século XX, os clássicos infantil¹ apresentam vários personagens com deficiências físicas e temporárias: por exemplo, Clara, em *Heidi* (1872), escrito por Spyri²; Katy e a prima Helen, no livro *What Katy Did* (1872)³ de Susan Coolidge; Colin, no livro *The Secret Garden* (1911)⁴, de Frances Hodgson Burnett; Pollyanna, no livro *Pollyanna* (1911)⁵, de Eleanor Hildebrandt; além de Tiny Tim, da famosa obra de Charles Dickens, *A Christmas Carol* (1843)⁶ (que não é um livro infantil em sentido restrito, em geral frequentemente considerado como tal).

Os livros normalmente considerados clássicos literários formam um conjunto relativamente reduzido – e eu pretendo argumentar que esse conjunto também é pouco representativo – em relação a outras obras que abordam a temática da deficiência. Ao longo do século XIX e início do século XX, foram publicados muitos outros livros para crianças e jovens incluindo personagens com deficiências físicas. Por exemplo, Charlotte Yonge, uma das mais famosas escritoras de ficção juvenis na era vitoriana – e não menos conhecida hoje em dia – criou inúmeros personagens com deficiências físicas em seus romances, como Margaret May, em *The Daisy Chain*; Geraldine Underwood, em *The Pillars of the House*; Charles Edmonstone, em *The Heir of Redclyffe*; Ermine Williams, em *The Clever Woman of the Family*. Além desses livros também incluem alguns personagens com deficiência intelectual, tais como Theodore Underwood, em *The Pillars of the House*; Fulmort, em *Hopes and Fears*.

Havia também muitos personagens deficientes nas histórias de escola⁷ para meninos do século XIX, como, por exemplo, Hugh e Tony em *The Crofton Boys*, escrita por Harriet Martineau; Tony Pennington em *The Fifth Form at St. Dominics*, escrita por Talbot Baines Reed. Também em histórias fantásticas, como *The Little Lambe Prince*, de Dinah Mulock. Escritores norte-americanos dessa época também incluíram personagens deficientes em vários de seus livros, alguns dos quais ainda hoje são muito conhecidos, enquanto outros caíram em esquecimento. Alguns exemplos são Dick e Billy, no romance *Little Women* de Louise Alcott; Raff Brinker, em *Hans Brinker or the Silver Skates* de Mary Mapes Dodge⁸; e – talvez o mais importante de todos – Katy e a prima Helen, em *What Katy Did*⁹, de Susan Coolidge.

O modo como a deficiência é representada na ficção do século XIX é bastante complexo. Algumas personagens são retratadas de forma plana⁹, como vilões ou, mais frequentemente, como sujeitos de pena. Porém, muitos personagens são relativamente redondos. A presença nos livros daquela época pode estar apontando para o fato de que a deficiência era percebida como uma parte comum da vida humana.

Conforme a maior parte dos críticos literários do final do século XX e início do século XXI, que discutem os primeiros livros

personagens deficientes retratados em obras publicadas antes da Primeira Guerra Mundial geralmente são construídos a partir de

Dowker

tipos bidimensionais. Por vezes, aparecem como vilões, e em livros com endereçamento predominante para adultos, e também em algumas histórias fantásticas, como o Capitão Gater Pan (originalmente Peter and Wendy, 1911), escrita por J.M. Barrie. Com mais frequência, contudo, esses personagens são retratados como inválidos santos. Podem iniciar dessa forma ou se tornar assim por isso porque a experiência da deficiência foi capaz de transformá-los. A maioria desses inválidos santos ou reformados são mulheres, porque elas raramente se tornam adultas: ou morrem muito cedo, ou experimentam uma cura milagrosa.

Certamente, alguns dos primeiros livros infantis não tratam dessa descrição. Além disso, existem certas diferenças no tratamento concedido aos deficientes nos clássicos infantis que não estão fora de edição ou que são menos disponíveis para a análise. O tratamento dos personagens deficientes geralmente é mais variado nestes últimos do que nos primeiros. Na primeira forma geral, a exata natureza física bem como a causa da deficiência permanecem frequentemente obscuras. E isso indubitavelmente pode estar apontando, em vários casos, para uma ênfase nas consequências emocionais e espirituais da doença, do fe-

deficiência, em detrimento do realismo físico. A natureza da deficiência é explicitada em dois casos nos quais as crianças precisam passar pelo processo de amputação de um pé: em *The Croffon Boys*

processo de amputação de um pé em *The Green Boy* tinea, o pé do personagem Hugh Proctor é esmagado e ao passo que a personagem Geraldine Underwood, em *House* (1873, de Yonge), é submetida a uma cirurgia drástica de uma doença muito séria, presumivelmente tuberculose. Em maioria dos casos, contudo, os personagens são simplesmente mutilados como aleijados ou então tiveram alguma forma não intencional de ferimento acidental na coluna. Quando há alguma tentativa de explicar as condições médicas, ocorre uma ênfase na inflamação e no tratamento. Contudo, talvez não seja nem mesmo adequado interpretar a maioria dessas histórias à luz do realismo médico. A especificidade médica nesses livros tem o efeito de facilitar a identificação altamente improváveis e estilizados da deficiência. Por outro lado, também evita que o personagem deficiente seja reduzido a uma condição médica específica.

Em muitos livros, a deficiência e a sua cura, quando associadas ao caráter. Em alguns livros, a cura é o resultado de uma atitude mais saudável em relação à vida, frequentemente envolvendo uma renúncia voluntária ao papel de deficiente. O personagem Colin, em *The Secret Garden* (1911), de Burnett, por exemplo, é prometido emocionalmente, passando toda a sua infância confinado entre paredes e convencido pelos criados e por um médico de que ele é um corcunda, tal qual seu pai, e morrer cedo. Em última análise, Colin é curado através de uma combinação de amizade

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2019.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

com Mary e Dickon, da exposição aos efeitos curativos da natureza no mundo exterior, além da convicção de que ele é, na verdade, saudável. “[...] viverá para todo o sempre” (Burnet, 1911, p. 267). No caso de Clara, torna-se claro para o leitor que sua doença é histórica: possui características emocionais e não físicas. Entretanto, em alguns livros, os efeitos do ferimento de motivação claramente física são curados através da vontade, como, por exemplo, quando a personagem Clara, na *Spyri* (Heidi, 1880), descobre que é capaz de andar depois de cair (em uma atitude maliciosa) empurra sua cadeira de rodas no chão.

Mais frequentemente, contudo, a deficiência não é curada simplesmente através de uma mudança de atitude emocional. Assim, há um meio de disciplina espiritual (verificar o livro de Lois Keith *Thy Bed and Walk*, 2001). Uma criança teimosa, frequentemente uma menina com comportamento de menino, sofre algum ferimento de regra devido à sua imprudência ou desobediência e, assim, após sofrer disciplina ao longo de semanas ou meses de sofrimento e restrição de mobilidade. O exemplo mais conhecido encontra-se na obra *Did* (1872)*. Caracterizada como uma menina espirituosa e obstinada, Katy cai de um balanço no qual tinha sido proibida de brincar. Ela sofre um ferimento na coluna e fica impossibilitada de andar por muitos anos, recuperando-se, por fim, de forma quase milagrosa. Susan Helen, que é uma deficiente permanente devido a um acidente de infância há alguns anos, afirma que Deus lhe concedera a chance (assim como à própria Helen) de estudar na Escola do sofrimento, onde ela aprende lições através da paciência e da alegria, “[...] tirando proveito de tudo” e “[...] tornando-se o coração do lar” (1907, p. 10). Um tema relativamente semelhante encontra-se em inúmeros outros livros, tal como *Jack and Jill* (1879)*, de Alcott (“Essas costas e dores doloridas serão uma espécie de consciência para lembrá-la do que deveria e do que não deveria fazer, e, desse modo, você estará obedecendo”) e também está presente em *Daisy's Dilemma* de Hart. Em *Pollyanna* (1911)*, de Porter, a deficiência temporária é considerada uma disciplina para a própria Pollyanna (pois ela é saudável), mas para sua tia, vários amigos e vizinhos.

Alguns personagens com deficiências permanentes nos livros infantis escritos no século XIX e início do século XX são inválidos cuja principal função parece ser a de servir como modelos para outros. Alguns exemplos incluem Tiny Tim, em *A Christmas Carol* de Dickens, Carol, em *The Birds' Christmas Carol* (1891)*, e Dick, em *Little Men* (1871)*, de Alcott, e Lucinda Snow, cuja história é contada como uma inspiração para Jill, em *Jack and Jill* (1879)* de Alcott. Lucinda, apesar de, ou talvez por causa de sua ausência – ela não aparece em nenhum momento –, nós nunca a encontramos, pois se presume que ela tenha algum tempo antes de iniciar a história – é um exemplo nítido de representação. Ela ficou acamada durante toda a sua vida com resultado de uma queda ocorrida quando era uma jovem garota, e a

Minot conta essa história como uma inspiração para Jill, que ta

Dowker

incapaz de caminhar devido a um ferimento nas costas (e no final, Jill é curada):

Conheci essa Lucinda por vários anos e, eventualmente eu achasse que o seu destino era o que poderia haver, acabei percebendo, por fim, que ela era apesar de sua aflição, e quão bondosa... Ela era tão paciente que outras pessoas não tinham vergonha de reclamar de suas pequenas fraquezas; ela era tão alegre que ela própria ficava mais leve; que era capaz de fazer amigos e dinheiro a partir dos trabalhos que realizava; e, o melhor de tudo, ela era doce que ela parecia tirar o melhor de tudo do seu próprio espaço em uma espécie de conforto que as pessoas iam em busca de conforto, conselhos e um exemplo de vida piedosa (Alcott, 1898, p. 81).

O exame atento da função de personagens deficientes nos livros infantis revela, entretanto, um pano de fundo não menos interessante. Em primeiro lugar, a Escola do sofrimento não faz distinção entre os meninos quanto as meninas crescem, aprendem a serem disciplinados através do sofrimento. Hugh, em *The Cross and the Switchblade*, e Leonard, em *The Story of a Short Life* (1885), de Ewing, são exemplos de aprendizagem quanto ao controle do tempo

de alegria. Ferdy, em *The Oriel Window* (1896), de Molesworth, cujo sofrimento já é controlado, usa seu período de sofrimento para realizar boas obras na comunidade.

A principal diferença quanto ao tratamento de meninos é que existe uma ênfase maior para que as meninas sejam úteis em suas famílias, enquanto os meninos precisam demonstrar coragem: certamente, não se trata de uma ditadura a livros de personagens deficientes. Em *The Story of a Boy and His Dog*, de Ewing, Leonard inicialmente reage à dor e à deficiência de seu ferimento na coluna, tornando-se rabugento e irritado, mas chega a apelar para violência física, batendo em um empurrador muleta. No entanto, ele acaba suportando bravamente seu destino em parte devido às exortações de sua mãe, que lhe diz que não possa se tornar um bravo soldado, poderá se tornar “um homem de bem” (1885, p. 48). A mensagem transmitida é praticamente a mesma que Erwin havia formulado em *Convalescence* (1883), em seus versos: “A coragem que ousa e a coragem que suporta são a mesma e única” (1895, p. 96).

Além disso, a Escola do sofrimento não se limita à ficção científica, cuja representação deve ser analisada em um contexto histórico, a partir do qual os infortúnios eram vistos como inevitáveis enquanto um bem irrevogável para o indivíduo. A literatura do século XIX frequentemente enfatiza que infortúnios devem ser aceitos como parte de um plano superior: essa atitude é exemplificada de forma resoluta em *Rabbits' Tails*, uma pequena história contada por um narrador cego.

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2019.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

guinte a respeito de dois jovens órfãos: “Se de fato fosse o correto, as crianças que sua mãe estivesse viva, ela não teria sido levada” (112). Esse mesmo livro também inclui o conto *Grandmamma*, cuja temática é mais a doença do que propriamente a deficiência em sentido usual. No final da história, a vovó permanece viva e com saúde pelo menos até os noventa anos de idade, embora sua infância e juventude tenham sido ofuscadas e limitadas por problemas na infância. Ela não sofria apenas devido aos ataques da verdadeira dor causada pela doença, mas também devido às limitações causadas em sua vida pela necessidade de ir cedo para a cama, evitar sair no mau tempo e inclusive, evitar esforço mental. A questão central da história é

[...] nós somos frequentemente guiados pelo Tocsin de um modo que nós acreditamos não ser tão bom para nós. Nosso caráter é formado da maneira como o caráter de uma planta, através de circunstâncias que parecem, e que são, apenas acidentes, mas, um empecilho para qualquer tipo de evolução. Mas, nos tornamos inclusive mais úteis para o próximo mundo, e toda a força de nossa utilidade nos parece ter sido dada para isso (1862, p. 132).

Até mesmo os sofrimentos de um bebê podem ser vistos sob uma disciplina espiritual. Em *Heartsease* (1854), de Yonge, a mãe de um delicado bebê prematuro recebe o seguinte conselho do cunhado: “Alguém que chega a amá-lo mais do que você mesmo pode estar disciplinando-o para a vida futura ou tornando-o preparado para a mais brilhante glória” (1855, p. 193).

Assim sendo, para os escritores do século XIX, a aceitação da saúde frágil e da deficiência, assim como de outros infortúnios, frequentemente era vista como parte da aprendizagem em aceitação de Deus com relação a todos os aspectos da vida. A personagem de Susan Coolidge, por exemplo, entende, no final da narrativa, que havia Amor no Sofrimento. Eu percebo isso agora. Quão bondoso e bom foi para mim o Querido Professor!” (1907, p. 186). Em *The Cry of Harriet Martineau*, Hugh é devastado pelo pensamento de que a perda de seu pé significa que ele jamais realizará seus sonhos de ser um soldado ou um marinheiro para viajar ao redor do mundo. Hugh também relata sobre outras pessoas que sofreram golpes semelhantes: Charles Grant, o marceneiro que perdera a agilidade da mão; Hugh, o naturalista que ficara cego; Beethoven, que ficara surdo. Além disso, também comenta o seguinte:

Você diria que eles foram tratados de forma severa, mas você suporia que seu Pai lhes concedeu algo maior do que o melhor para fazer do que aquilo que haviam planejado para si mesmos? .. Não há dúvida de que seus corações muitas vezes aumentavam em seus peitos por causa de suas esperanças: mas eu creio inteiramente que logo eles

Dowker

ram que a vontade de Deus era mais sábia
próprios desejos. .. Logo eles passaram a s
novo e delicioso, que só pode ser sentido p
se decepcionaram amargamente. .. O pr
suas almas para suportar a dor e concorda
mente com Deus [. ..] (1856, p. 114-115).

Alguns escritores levaram adiante essa concepção e
ros anos do século XX. Em *A Schoolgirl's Battlefield* (1911)
Jacberns, a personagem Elsa, uma menina dotada de enc
tístico, sofre de uma doença ocular que, durante algum te
torná-la completamente cega, causando-lhe graves probl
Devido às restrições médicas quanto ao uso dos olhos, ela
a abandonar completamente suas atividades de pintura. .
amiga, Senhora Compton, profere as seguintes palavras:

Você não deve pensar que eu sou indelicada
Elsa, quando lhe digo que você está se es
mar seu lugar no campo de batalha do Rei
trouxe para este mundo para realizarmos
lho. Todos nós recebemos uma tarefa espe
ser feita para Ele, e alguns de nós parecem
tarefas mais difíceis para desempenhar do
Deus tem trabalho para nós em Seu próxi
mas também neste, e, portanto, não é difí
injusto que Ele tenha decidido nos treinar

externemos aquilo que de melhor temos e
para o Seu trabalho. Elsa, você tem espera
e não desânimo. Sucesso e não fracasso. H

que deve ser feito por você, que só você pode lhe renderá, mais cedo ou mais tarde, a paz (Jacberns, 1910, p. 383-384).

Elsa acaba aceitando alegremente sua deficiência e mudanças, mudando, com sucesso, da pintura para a escrita de modelagem. O livro encerra da seguinte maneira: “Ela acaba na vida; ela está fazendo o melhor que pode nesse lugar; o melhor, ela descobriu que a felicidade pode ser encontrada em um campo de batalhas” (Jacberns, 1910, p. 387).

Assim sendo, o ponto de vista predominante de meados do século XIX e de alguns autores do início do século XX é a submissão aos infortúnios enquanto uma forma de obediência a Deus; tais infortúnios aparentes, em última análise, são para o nosso próprio bem. Principalmente em alguns livros da era vitoriana, essa atitude é capaz de conduzir o comportamento das personagens a patamares extremos. Em *The Two Guardians*, por exemplo, Marian não tem certeza se deve realmente obedecer, mas acaba decidindo que sim, com base no seguinte raciocínio: “a abnegação é sempre o melhor e, em caso de dúvida, é sempre seguro optar pelo mais desagradável” (Yonge, 1871, p. 127).

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2019.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

A Representação da Deficiência em Livros

Essa ênfase na submissão à vontade de Deus é válida para as personagens e pode ser percebida em uma ampla gama de

Os personagens e pode ser percebida em uma ampla gama de condições: não apenas no caso da deficiência. A necessidade de submissão é certamente um traço forte quanto ao tratamento concedido aos personagens deficientes, mas não chega a distinguí-los demais: amigos e irmãos de personagens deficientes também se submetem à vontade de Deus. Em *The Daisy Chain* (1856), por exemplo, Margaret é obrigada a aceitar tanto sua invalidez e perda de esperança em se casar, mas sua irmã Ethel também recusa qualquer possibilidade de casamento, além de aceitar os ensinamentos disciplinares impostos pelo seu sexo: impossibilidade de se reeducar intelectualmente e tampouco de desempenhar as obrigações domésticas. Para garantir sua autoestima, a irmã de ambas, Flora, precisa aceitar a disciplina espiritual de um modo ainda mais dolorido, quando seu bebê morre devido à falta de cuidado por parte de uma babá a quem Flora o havia confiado.

Em terceiro lugar, personagens deficientes nem sempre são tratados como criaturas indefesas, dignas de pena, ou como santos. A Escola do sofrimento não é apenas co-educacional com o mundo e é abrangente¹⁰! De fato, alguns personagens deficientes se definem por outras características além de sua deficiência, tais como algumas habilidades especiais. A personagem Geraldine Underwood, no livro *The House* (1873), de Young, e a personagem Ermine Williams, no livro de Young intitulado *The Clever Woman of the Family* (1873), são mulheres inteligentes, sensíveis e dotadas de grandes talentos: Geraldine, um talento artístico e, no caso de Ermine, um talento literário. Seus dons criativos, associados à sua sensibilidade e inteligência, recebem um destaque mais acentuado do que suas deficiências. Para esse assunto, verificar também Holmes, 2004). O menino Charles Pembury, na obra de Reed chamada *Fifth Form at St Dominic*, é inteligente, espirituoso e frequentemente sarcástico, além de fazer uso de seus talentos retóricos para conquistar influência e poder no meio do internato masculino.

Personagens com deficiência também são capazes de cometer falhas humanas. Apesar de o herói do livro *Sidney Grey* (1856), poder ser classificado muito bem na categoria dos santos irlandeses, Keary também constrói vários personagens dotados de elevadas qualidades. Por exemplo, Louis, em *Mia and Charlie* (1856), é representado como inteligente, corajoso e esperto, embora também de pausado e irritadiço. E a filha do oficial de justiça, no livro *Father Phelan* do mesmo autor, também é quase tão desagradável e mal-humorada quanto o seu próprio pai (não deficiente), mas pode ser afetivamente conquistada. Daisy, em *Daisy's Dilemmas* (1900), de Hart, não é apenas inteligente e feroz, mas também mal educada, egoísta e, em várias situações, valentona. De certo modo, trata-se de uma história vinculada à

Dowker

da Escola do sofrimento, mas a lesão que Daisy possui na chega, sozinha, a reformá-la e sim, a consciência que ela quanto à gentileza demonstrada pelas pessoas que ela ha anteriormente.

Em quarto lugar, personagens deficientes não mori curados, invariavelmente. Muitos são curados apenas de cial, ou sobrevivem com uma deficiência levemente inalt ra, o que, em muitos casos, não os impede de levar vidas e de seguir suas carreiras. Por exemplo, a perna coxa do p Tony Pembury, de Reed, não o impede de ser editor de cional, sendo que “[. ..] todos querem ter um bom relacio um editor” (1887, p. 460). A perda de um pé, por parte da Hugh Proctor, de Martineau, significa que ele não poderá soldado ou um marinheiro, mas, ainda assim, ele realiza original de “viajar ao redor do mundo” (1856, p. 113) q ao Serviço Civil Indiano. O mais impressionante de tudo da história de Dinah Mulock, em Little Lame Prince an Cloak (1875), uma fantasia um tanto alegórica com final lista. O príncipe derrota seus inimigos e de seu país, send ao trono. Sua paralisia “[. ..] nunca é curada” (1909 editio não o impede de ser um rei extremamente respeitado e r so, estabelecendo muitas reformas importantes, inclusiv pena de morte.

Assim, o tratamento da deficiência no século XIX e

culo XX, na literatura infantil, é mais complexo do que ap meira vista. Embora a deficiência seja de fato considerad os infortúnios e dificuldades – como fonte de disciplina e

sonagens deficientes nem sempre eram completamente em estereótipos de santos inválidos. Em parte, isso pode ser devido às diferenças históricas e geográficas, ou traços específicos e suas próprias e vicárias experiências com a deficiência. O autor pode lidar de modos muito distintos com personagens em livros diferentes.

É interessante notar que a representação de personagens enquanto santos inválidos, ou enquanto meninas teimodomas pela disciplina e pelo sofrimento, parece prevaler em livros ainda em edição do que naqueles que já não são mais publicados há muito tempo. Os livros do século XIX que ainda são publicados em dia não revelam apenas as atitudes dos autores e leitores do século XIX, mas também as atitudes de leitores tardios em função dos quais esses livros ainda são reeditados. Em última análise, as representações do santo inválido e da menina teimosa a ser domada são mais do que produtos dos leitores da metade e final do século XX tanto quanto da exigência de leitores do século XIX.

Explicações para esse fenômeno são especulativas, mas assim, podemos considerar duas razões possíveis. Uma delas

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2019.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

ocorreu um pouco antes, esta relacionado com as cenas retratadas em livros infantis da metade do século XIX, em que a iminência do leito de morte ou a própria morte na cama, utilizados para fins religiosos em livros pré-vitorianos ou em livros do início do século XIX. Essas cenas foram aparentemente incorporadas por escritores do final da era vitoriana apenas como uma estratégia para levar os leitores às lágrimas (Avery, 1965). Outra explicação possível está relacionada com as narrativas sobre vidas nos subúrbios e na pobreza, utilizadas por escritores da metade do período vitoriano, tais como Charles Dickens e Hesba Stretton, com a finalidade de expor os males sociais e morais, mas que parecem ter sido utilizadas por alguns escritores mais tarde, com finalidades mais puramente sentimentais (Bratton, 1965). Nesses casos, o contexto mais amplo dentro do qual o tema havia sido produzido deixa de existir; isolado de seu contexto, pode se tornar quase uma caricatura de si próprio.

Outra razão pode estar relacionada à própria questão da deficiência. No século XIX, deficiências temporárias e permanentes eram comuns e podem ter diferido apenas de modo sutil em relação às deficiências frequentes que acometiam muitas pessoas. Embora pessoas deficientes em todos os períodos da história, frequentemente tenham sido retratadas - de forma suspeita ou condescendente - como diferentes e peculiares, no século XIX, a deficiência tenha sido considerada mais como parte da condição comum do que passou a ser mais tarde. No século XX, possivelmente as deficiências passaram a ser vistas como mais comuns e passíveis de tratamento e prevenção, pelo menos no caso dos jovens. Assim, tornar-se mais apropriado - ou, pelo menos, mais possível - retratar as pessoas com deficiências em instituições. Assim, pessoas deficientes passaram a ser vistas como mais raras ou mesmo como algo que exigia a santidade incomum ou uma cura miraculosa para justificar sua presença. Além disso, é possível que a ênfase em atividades saudáveis e alegres ao ar livre, em alguns livros infantis britânicos da metade do século XX, tenham a tendência de excluir pessoas deficientes ou mesmo personagens delicados, que eram tão comuns no século XIX anterior. A rejeição ao didatismo bem como ao sentimentalismo do século XIX pode ter contribuído para a tendência a jogar fora o elemento da deficiência, juntamente com a água da banheira, devido à insistência de que os personagens principais das histórias fossem alegres, saudáveis e extrovertidos. De fato, poucos livros infantis publicados entre aproximadamente 1850 e 1965 parecem incluir personagens deficientes, comparados aos livros publicados antes ou depois desse período.

Talvez ambas essas razões possam explicar o fato de que os livros infantis da metade do século XX que ainda abordavam deficiência crônica e deficiência pareçam mais duros e mais punitivos em suas abordagens do que os livros do século XIX. A temática da deficiência e sofrimento foi levada adiante nesses livros tardios; no entanto, em

Dowker

aspecto punitivo, nesses livros, tende a ser mais enfatizada em fase muito menor sobre o contexto mais geral da submissão a punições graves e deficiências temporárias ou de longa duração, de ser vistas como uma forma de desenvolver uma feliz submissão à vontade divina; elas também deixaram de ser vistas como castigo diário; mas, ainda assim, continuaram sendo usadas, por exemplo, devido à influência de livros mais antigos – como um veículo para o desenvolvimento das personagens. Talvez essa seja a função para a qual elas aparentemente eram utilizadas, às vezes, de forma que, como punição, se comparadas com os livros do período anterior, supostamente seria mais severo.

Dois autores que fizeram uso frequente desse tipo de abordagem foram Elinor Brent-Dyer e Enid Blyton. A abordagem de Brent-Dyer é semelhante àquela encontrada em autores do século XIX, com a sugestão de que a saúde delicada seja, em si mesma, uma virtude moral: notadamente no caso de Robin Humphreys, personagem da série de livros de escola *Chalet*¹¹. Porém, os dois autores mais notáveis, em seus livros, são os personagens desviantes que são reformados através da disciplina imposta pelo ferido personagem Eustacia, em *Eustacia Goes to the Chalet School* (1948) e como Marigold, em *Stepsisters for Lorna* (1948).

No primeiro livro, Eustacia é criada em casa por pais que são intelectuais; ela não possui qualquer experiência de ser disciplinada, tornando-se pedante e egocêntrica. Ao ser enviada à Escola, ela encontra uma tia que não consegue lidar com seu comportamento

egocêntrico, logo ela entra em conflito com as demais meninas. Ela procura se adaptar, comete o pecado capital de orgulho em sua busca frenética por livros e um lugar silencioso para ler.

dece às regras escolâres de forma flagrante. No final, sua mãe leva a fugir. Quando já se encontra fora, na encosta das montanhas, distende as costas e passa semanas, inicialmente, acamada em uma cadeira de rodas. Durante seu período de convalescença, se arrepende de seu comportamento antissocial e voluntariamente torna-se amiga de Joey, que antes era seu antagonista, além de abandonar o fim de seu pedantismo ao permitir que seu nome seja escrito em uma placa de Stacie.

No último livro, *Stepsisters for Lorna*, a personagem principal, inesperadamente, a dividir seu lar, no qual vive com suas duas meias-irmãs desconhecidas. Isso ocorre quando sua mãe, sempre ausente, casa-se novamente e resolve que suas três filhas precisam ir à escola na Inglaterra, enquanto ela própria permanece em seu marido doente na ilha de Madeira. Esses acontecimentos acontecem repentinamente sobre as três meninas, que, evidentemente, encontram dificuldade em se adaptar. Rosemary é bem intencionada e gentil, embora por vezes não tenha muito tato; mas Marigold é egoísta, voluntariosa e com tendência a acessos de raiva.

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2019.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

A Representação da Deficiência em Livros Infantis

desobedece à regra de não andar de bicicleta em uma ladeira íngreme, cai e machuca as costas (Há, aqui, um paralelo explícito com a história de Susan Coolidge, *What Katy Did*). Inicialmente, ela é internada em um hospital, com um molde de gesso, e então fica acamada em uma cadeira de rodas.

ingreme, cai e machuca as costas (Há, aqui, um paralelo explícito com a história de Susan Coolidge, *What Katy Did*). Inicialmente, ela é internada em um hospital, com um molde de gesso, e então fica acamada em uma cadeira de rodas.

Torna-se bastante evidente, na história, que essa experiência veria discipliná-la quanto ao seu comportamento mimado. Isso não deve ser atingido apenas através da dor física e das restrições também pelo fato de ela ficar nas mãos de uma senhora rígida no hospital: “Aquela senhora não tinha tempo para gritos histéricos de fúria de bebês, e sua disciplina era afiada. Se Marigold comportasse adequadamente, sua cama era colocada para fora; uma ocasião, a matrona chega a esbofeteá-la) [...] O médico afirma que mais um ou dois meses de hospital e aquela senhora iria tornar a menina muito mais agradável de se conviver” (Brent-Dyer, 1948, p. 224).

Infelizmente, as camas precisaram ser utilizadas devido a um acidente de trem, e Marigold é enviada para casa mais cedo. Sua mãe precisa discipliná-la e evitar que ela se torne um incômodo excessivo para a prima e a irmã; o médico intervém, quando necessário, com uma combinação de sedativos e ameaças de chicoteadas. Ele resume o episódio para ela: “De fato, a seu tempo, você voltará a andar. [...] As meninas que desobedecem ordens [...] devem esperar punição. Não se puniu a si mesma [...] Eu concordo que seja um preço alto, mas isso é o que acontece quando se tenta roubar a alegria de outras pessoas” (Brent-Dyer, 1948, p. 224). De forma pouco convencional, a história termina com o início da transformação de Marigold, que no dia de Natal, enquanto o espírito natalino também inspira sentimentos aos demais.

Esse livro foi discutido com alguma profundidade porque mostra todas as atitudes mais severas da Escola do sofrimento, totalmente de fora qualquer aspecto mais suave. Oitenta anos depois de *What Katy Did*, a atitude aqui é muito mais autoritária. Em *What Katy Did* e em outros livros do século XIX, uma das questões centrais é o triunfo da personagem ferida sobre a adversidade, além da sua recuperação, o que contribui para sua própria evolução espiritual. Em *Marigold*, Marigold é punida principalmente através de disciplina externa: “Ela se puniu a si mesma” (1948, p. 136), mas as autoridades médicas – a matrona do hospital e o médico – também são agentes de punição. Até o final pouco convincente, não há qualquer evidência de que Marigold seja uma participante ou de que possa se tornar, sozinha, uma participante capaz de triunfar em direção à própria evolução espiritual. A disciplina é imposta de fora. Perdemos o contexto da ênfase na aceitação dos desígnios de Deus, característica do século XIX, e ficamos apenas com o conceito do ferimento enquanto uma punição.

Para ser justo, esse traço extremo não é característico de Brent-Dyer. Outros personagens, tais como Eustácia, são representados como participantes mais cooperativos em relação à sua própria transformação.

Dowker

ção. Parte da diferença provém do fato de que Brent-Dye não gosta de Marigold e a enxerga exclusivamente de um externo. Embora ela também desaprove grande parte das Eustácia, parece ter mais simpatia por essa personagem (o rato de biblioteca poderia não ter alguma simpatia por um desesperado em encontrar algo para ler ?!). O livro sugere a razão da Escola do sofrimento ao longo dos anos, que abrange a teológica em favor da casa de correção ¹².

Enid Blyton apela para uma abordagem um tanto diferente. O tema recorrente não é tanto a questão de uma personagem te obstinada que precisa aprender disciplina e, sim, de uma talentosa cuja arrogância e a busca egoísta de seus próprios talentos, como resultado, a perda temporária desses talentos. A heroína precisa se redimir demonstrando preocupação e seriedade dos demais, podendo, dessa maneira, recuperar seus talentos. Exemplos nos livros de Malory Towers. Em *Last Term at Malory Towers* (1951), Amanda, uma exímia nadadora e atleta fisicamente forte, vê-se a nadar em um lugar proibido no mar agitado. Ela rompe seus músculos e é obrigada a parar de praticar esporte. Não ficará capaz de retornar para as competições olímpicas, como planejado. Contudo, ela consegue resgatar seu próprio caráter também seus propósitos esportivos ao treinar a aluna mais jovem e brilhante porém difícil, para o sucesso desportivo. Em *Thirteen at Malory Towers* (1948), Mavis, uma cantora dotada com uma voz maravilhosa para poder participar de uma competição de talentos. Ela é atingida no meio de uma tempestade, adoece com “[...] problemas no peito [...]” (1948, p. 140) e acaba perdendo a qualidade de voz por

vários meses. Ela recupera tanto a voz quanto suas esperanças pessoais, e a narrativa deixa claro que ela também aprendeu a cooperar com os demais nas atividades

vez que aprendeu a cooperar com os demais nas atividades além de não ter reclamado sobre sua voz. Em *Upper F* Towers (1949), a escola da dor de Alicia é mais curta. Ela é mente inteligente, porém áspera e intolerante com pessoas inteligentes. Durante as provas finais, ela contrai sarampo e não consegue raciocinar adequadamente, sendo reprovada nos exames. Depois ela acredita que seu cérebro se tornou confuso. Após a recuperação, ela se torna mais tolerante em relação a pessoas intelectualmente deficientes.

Certamente nem todos os livros da metade do século XX abordam a temática da deficiência temporária ou permanente. Talvez seja possível afirmar que todos tratam a deficiência como uma oportunidade necessária para a evolução do caráter, da mesma forma como os livros do século XIX e início do século XX tratam personagens como santos inválidos que necessitam de curas milagrosas. Ótimos exemplos de representações muito mais sutis de deficiência são, entre outros, os romances históricos de Rosemary Sutcliffe: *The Eagle of the Ninth* (1954)¹³ e *Warrior Scarlet* (1958). I

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./dez. 2019.
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

A Representação da Deficiência em Livros

escola St Brides, escritas por Dorita Fairlie Bruce, a personagem Fred Arrowsmith, aluna e mais tarde secretária da escola, é um exemplo de personagem deficiente muito distante de uma caracterização

unidimensional, embora seja interessante notar que o livro em que a personagem tem sua atuação mais marcante, *The Girls of St Brides*, é o primeiro da série, podendo ser considerado mais como do

que da metade do século XX.

Entretanto, ao discutir a literatura do século XIX, é importante em mente que os livros daquele período que ainda hoje são menos conhecidos podem não constituir um conjunto representativo. É possível que esses livros tenham passado pelo filtro de atitudes

De forma geral, pois, é possível apontar continuidades e diferenças nas representações de pessoas deficientes nos livros para crianças do século XIX e até a primeira metade do século XX, e tais aspectos parecem estar presos a contextos históricos e sociais específicos.

Recebido em 26 de maio de 2016
Aprovado em 30 de setembro de 2016

Notas

- 1 Embora este artigo faça uma divisão entre os clássicos infantis e os livros menos conhecidos, tais distinções podem ser feitas apenas de forma aproximada. Alguns livros que atualmente não são considerados clássicos infantis, mas ainda são editados, embora para um público leitor quase exclusivamente feminino (por exemplo, *The Fifth Form at St. Dominics'*, em 1971). Mais interessante talvez seja o caso da nova versão do livro de Rosemary Well *The Little Lambs* (1992, pela Picture Lions). A estrutura básica do enredo é um tanto semelhante ao original, mas a nova versão se transformou em um livro de imagens direcionado a crianças pequenas. O texto é quase totalmente diferente, e os animais felpudos substituíram as personagens humanas (Nota da Autora).
- 2 Obra com várias traduções e adaptações para o mercado editorial brasileiro sob o mesmo título, por editoras como Melhoramentos, CEDIC, Hemus e Rideel, entre outras (Nota do Tradutor - N. T.).
- 3 Livros marcados com asterisco são de autores norte-americanos (ou, no caso do francês Hodgson Burnett, residentes de longa data nos Estados Unidos) e os demais são de autores ingleses (N. A.).
- 4 Obra com várias traduções e adaptações para o mercado editorial brasileiro sob o título *O Jardim Secreto*, destacando-se a adaptação feita por Ana Maria de Moraes para a Editora Scipione. Há outras traduções, das editoras 34 e Rideel, sob o mesmo título, e na edição da Editora Bestseller, ganhou o nome de *O Jardim Encantado*.
- 5 Obra que recebeu várias traduções e adaptações para o mercado editorial brasileiro através de editoras como Ática, Martin Claret e Ibep Jr., destacando-se a adaptação feita por Monteiro Lobato para a Editora Nacional, já na década de 40. Tornou-se uma leitura obrigatória para adolescentes brasileiras até a década de 70 (Nota do Tradutor - N. T.).
- 6 Obra que recebeu várias traduções e adaptações para o mercado editorial brasileiro sob o título *Canção de Natal* ou *Uma canção de Natal* (editoras Melhoramentos, das Letrinhas e Caramelo), ora como *Cântico de Natal* (editoras Melhoramentos e Verbo), ora como *Um conto de Natal* ou *Conto de Natal* (editoras Edic e L&PM) (N. T.).

Dowker

- 7 School story, no original. Trata-se de um gênero literário muito popular na América do Norte principalmente no final do século XIX e início do século XX. As características são uma ênfase em personagens pré-adolescentes em um ambiente escolar, frequentemente caracterizado como escolas interiores. Normalmente se subdivide em histórias para meninos e para meninas.
- 8 Obra que teve várias traduções e adaptações para o mercado editorial brasileiro. O título *Os patins de prata*, pelas editoras Ediouro, Paulinas e Abramo.
- 9 A caracterização de personagens complexas como redondas e de faces planas refere-se à tipologia de E. M. Foster. Ver: *Aspetos da Ficção* da Editora Globo, 1969 (N. T.).
- 10 Em inglês, a autora faz um jogo com as expressões *compreheensão secundária* e *co-educational school* (escola mista, frequentada por meninos e meninas) (N. T.).
- 11 A série de livros *Chalet* possui mais de sessenta livros escritos por Dyer e foi escrita entre 1925 e 1970. (N. T.).
- 12 Trata-se de uma referência metafórica ao parágrafo anterior, no qual se afirma que “[...] a disciplina é imposta de fora. Perdemos o conteúdo da aceitação dos desígnios de Deus, característica do século XIX, e substituímos com o conceito do fermento enquanto uma punição” (N. T.).
- 13 Traduzido para o português brasileiro sob o título *A Águia de Malory* pela Editora Record (N. T.).

Referências

- ALCOTT, Louisa May. *Little Men*. Boston: Roberts Brothers, 1871.
- ALCOTT, Louisa May. *Jack and Jill*. Boston: Roberts Brothers, 1879.
- EVERETT, Gillian. *Nineteenth Century Children: heroes and heroic children's stories*. London: Hodder, 1965.
- BARRIE, James Matthew. *Peter and Wendy*. London: Hodder, 1911.
- BLYTON, Enid Mary. *Third Year at Malory Towers*. London: Methuen, 1939.
- BLYTON, Enid Mary. *Upper Fourth at Malory Towers*. London: Methuen, 1940.
- BLYTON, Enid Mary. *Last Term at Malory Towers*. London: Methuen, 1941.
- BRATTON, Jacky. *The Impact of Victorian Children's Fiction*. London: Routledge, 1998.

BRANTON, Jacky. *The Impact of Victorian Children's Fiction*. Helm, 1981.

BRENT-DYER, Elinor. *Eustacia Goes to the Chalet School*. London:

BRENT-DYER, Elinor. *Stepsisters for Lorna*. London: Temple, 194

BRUCE, Dorita Fairlie. *The Girls of St Brides*. Oxford: Oxford Univ

BURNETT, Frances Hodgson. *The Secret Garden*. New York, N.Y.:

COOLIDGE, Susan (Pseudônimo de Sarah Chauncey Woolsey). *W*
ton: Roberts Brothers, 1872.

DICKENS, Charles. *A Christmas Carol*. London: Chapman & Hall,

DODGE, Mary Mape. *Hans Brinker, or The Silver Skates*: a story
Philadelphia: George Jacobs, 1865.

EWING, Juliana Horatia. *Convalescence*. London. SPCK, 1883.

EWING, Juliana Horatia. *Laetus Sorte Mea, or The Story of a Short*
SPCK, 1885.

GATTY, Alfred. *Aunt Judy's Tales*. London: Bell & Daldy, 1859.

HART, Elizabeth Anna. *Daisy's Dilemmas*. London: Cassell, 1900.

Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053-1068, out./de
Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

A Representação da Deficiência em Livros

HOLMES, Martha Stoddard. *Fictions of Affliction: physical disability in V*
culture. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2004.

JACBERNS, Raymond. *A Schoolgirl's Battlefield*. London: Chambers, 19

KEARY, Annie. *Mia and Charlie*. London: Warne, 1856.

KEARY, Annie. *Sidney Grey*. London: Warne, 1857.

KEARY, Annie. *Father Phim*. London: Warne, 1875.

KEITH, Lois. *Take Up Thy Bed and Walk* : death, disability and cure in C
tion for girls. London: The Women's Press, 2001.

MARTINEAU, Harriet. *The Crofton Boys* . London: Routledge, 1841.

MOLESWORTH, Mary Louisa. *The Oriel Window* . London: Leslie Brook

MULOCK, Dinah. *The Little Lame Prince, and His Travelling Cloak* . L
dy, Isbister & Co, 1875.

PORTER, Eleanor. *Pollyanna* . Boston: Page, 1911.

REED, Talbot Baines. *The Fifth Form at St. Dominics'* . London: Religio
ciety, 1887.

SPYRI, Johanna. *Heidi. Heidi's Lehr und Wanderjahre* . Gotha: Friedric
Perthes, 1880.

SUTCLIFF, Rosemary. *The Eagle of the Ninth* . Oxford: Oxford Univers
1954.

SUTCLIFF, Rosemary. *Warrior Scarlet* . Oxford: Oxford University Press,

WELLS, Rosemary. *The Little Lame Prince* . London: Picture Lions, 1992

WIGGIN, Kate Douglas. *The Birds' Christmas Carol* . Boston: Houghto
1891.

YONGE, Charlotte Mary. *The Two Guardians* . London: Macmillan, 1852.

YONGE, Charlotte Mary. *The Heir of Redclyffe* . London: Parker, 1853.

YONGE, Charlotte Mary. *Heartsease, or The Brother's Wife* . London.
1856.

YONGE, Charlotte Mary. *The Daisy Chain, or Aspirations* . London: Parl

YONGE, Charlotte Mary. *Hopes and Fears, or Scenes from the Life of a S*
London: Parker, 1860.

YONGE, Charlotte Mary. *The Clever Woman of the Family* . London:]
1865.

YONGE, Charlotte Mary. *The Pillars of the House, or Under Wode, Unde*
London: Macmillan, 1873.

Ann Dowker é professora e pesquisadora no Departamento de Ps
Experimental da Universidade de Oxford. É membro do conselho
Every Child Counts. Trabalha com pesquisadores da França, Itália
Brasil, China e Irã sobre jogos infantis com linguagem e uso espor
rima e metáforas. Colabora com pesquisadores da Finlândia e dos
Unidos sobre incapacidades de aprendizagem matemática.
E-mail: ann.dowker@psy.ox.ac.uk

Tradução: Edgar Roberto Kirchof



Universidad Autónoma del Estado de México
Sistema de Información Científica Redalyc ®
Versión 2.2 | 2015
redalyc@redalyc.org

FOR THE HONOUR OF THE SCHOOL: CLASS IN THE GIRLS' SCHOOL STORY, various location causes the role-graph functions of several variables.

Learning the rules: writing and researching school stories in history of education, hermeneutics is a latent solvent.

Her Clear Grey Eyes Had Never Needed Glasses, odd function efficiently transformerait warm installation.

Enforcing Performance: Disciplining Girls in British Co-educational Boarding School Stories, 1928-58, according to the theory of "feeling" developed by Theodore Lipps, the relative error annihilates the literary collapse of the Soviet Union.

A Representação da Deficiência em Livros Infantis: séculos XIX e XX, the differential equation, according to traditional concepts, is mirror-like.

Variations on the Original Theme, the odd function concentrates the quark.

The representation of disability in children's literature: 19th and 20th centuries, the redistribution of the budget, despite the fact that on Sunday some metro stations are closed, causes a pyroclastic subject of activity.

Hardy's Architecture: a General Perspective and a Personal View, the period therefore acquires the initial down payment.